

A escrita de si em Sylvia Molloy:

um ato de leitura ou a memória em Página | 63

ruínas

Lygia Barbachan de Albuquerque Schmitz⁹
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Recebido em: 25/03/2017
Publicado em: 01/08/2017

Resumo

Neste artigo, a escrita de si será mostrada como um ato de leitura, a partir de dois textos da escritora argentina Sylvia Molloy: o ensaio *Vale o Escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica* e o romance *Desarticulaciones*. Em ambos, a memória está em ruínas. No primeiro, constrói, a partir da concepção de Paul De Man, um panorama da escrita autobiográfica hispano-americana dos séculos XIX e XX, que dá voz aos mortos, aos ausentes e aos marginais, ruindo a memória oferecida pela visão eurocêntrica da escrita autobiográfica; no segundo, por meio do Mal de Alzheimer, problematiza a questão da memória na escrita autobiográfica, mostrando os limites de se ler uma vida quando o objeto de escrita (a memória) está em ruínas. Operando, portanto, como “desvio de rota”, segundo Silviano Santiago, por meio de estilhaços, trânsitos e restos, a autora trabalha com uma escrita de si irreverente, crítica, que abre as possibilidades de leitura da vida e, portanto, de uma escrita autobiográfica suplementar ao cânone europeu, porque, enfim, “estampa e revela a vida”.

Palavras-chave

Sylvia Molloy. Escrita de si. Ato de Leitura.

⁹ Bacharel em Língua e Literatura Vernáculas pela UFSC e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura, na Linha de Pesquisa Teoria da Modernidade, da mesma Universidade.

Introdução

Sylvia Molloy (2003b), em seu livro *Vale o Escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*, investiga o gênero autobiográfico, sob a perspectiva de Paul de Man (2012) de que o relato de si é mais bem assimilado pela figura de linguagem da prosopopeia, por meio da qual é possível dar voz aos mortos, aos ausentes, aos seres inanimados, por meio da máscara textual. Na teoria de Paul de Man, há uma relação paradoxal entre vida e morte, escrita e morte, porque é pelo fim de uma vida que se dá início ao relato de uma experiência de vida. Assim, segundo Molloy, as autobiografias são análogas às introduções de um texto:

Escrever uma introdução é uma forma mais modesta, embora não menos exigente, da mesma figura. Terminado o texto, é preciso dar-lhe um rosto, fazê-lo falar com a voz do autor, pela última vez. A introdução é, precisamente, o momento que marca a última vez que alguém fala pelo texto e, também, perturbadoramente, a primeira vez em que se começa a sentir quão distante este texto ficou. *Como as autobiografias, as introduções também começam pelo fim.* (MOLLOY, 2003b, p. 13, grifos meus).

Olhando pelo viés da des-figuração, da retórica clássica da prosopopeia, Molloy dá-nos seu entendimento da escrita de si, alertando-nos de que não se espelhará num itinerário pessoal em sua pesquisa em *Vale o escrito* (2003b). Contudo, logo percebemos que o seu texto será uma tentativa “sempre renovada e sempre fracassada” (MOLLOY, 2003b, p. 13) de, ao escrever sobre o autobiográfico, fugir do autobiográfico. Isso, porque, ao intentar “[...] analisar formas diferentes de autotransfiguração para extrair as estratégias textuais, as atribuições genéricas e, claro, as percepções de si que informam os textos autobiográficos escritos na América hispânica” (MOLLOY, 2003b, p. 14), tanto os do século XIX como os do XX, a autora nos mostra um alinhamento de sua teoria com o seu próprio trajeto ficcional, ou seja, nas obras que ela publicará nos anos subsequentes, a exemplo de *El Común Olvido* (2002)¹⁰, *Varia Imaginación* (2003c)¹¹ e, nosso objeto de análise, *Desarticulaciones* (2010)¹².

¹⁰ *El Común Olvido*, publicado em 2002 pela Editora Norma, por meio de um narrador-personagem, conta a história de um homem que busca reconstruir sua história ao retornar à Argentina (seu país de origem), depois de passar anos vivendo nos Estados Unidos. A busca de identidade vacila entre o ato de lembrar e o de esquecer, entre a língua de origem (espanhol) e a do exílio (inglês), de forma lenta e fragmentária, nunca totalizante e fechada. Tais questões estarão presentes nas discussões em torno da escrita autobiográfica, da qual Molloy irá se ocupar tanto em seu ensaio *Vale o escrito*, como nos demais romances que publicará, e de que trataremos mais adiante.

¹¹ A maneira de *El Común Olvido*, o romance, publicado em 2004, desta vez pela editora Beatriz Viterbo, relaciona a constituição do sujeito à memória, à escrita de si e ao deslocamento, de modo que os relatos, breves, divididos em quatro partes, repletos de fragmentos, mesclam o empírico e o ficcional. *Varia Imaginación* responde de certa forma ao conceito de autobiografia, pautada pelo trabalho linguístico de articulação da memória.

¹² As citações da obra *Desarticulaciones* (2010) foram mantidas em espanhol, pois que se trata de marcar a escrita de uma autora latino-americana exilada nos EUA. Este é um dos pontos-chave utilizados na argumentação: a valorização de uma língua que o cânone eurocêntrico despreza.

Noutras palavras, ao reivindicar a “autobiografia como des-figuração” (DE MAN, 2012), logo em sua introdução, a autora aponta para a refutação de uma teoria tradicional do autobiográfico, segundo a qual a história é lida de forma rígida, como algo fechado, a partir de datas e fatos comprováveis – algo que apareceria já n’*As Confissões*, de Rousseau ([1789]1959) –, pois que incorreria, dessa forma, numa problemática maior que envolve a própria noção de modernidade, dentro do debate em voga acerca da virada subjetiva, do multiculturalismo etc., permitindo assim a leitura anacrônica de vários textos, por exemplo, da década de 1970, nos quais é possível perceber já as marcas da autoficção¹³, termo utilizado apenas a partir dos anos de 1980.

Justamente a partir desse momento em que Molloy produz seu ensaio, Beatriz Sarlo (2007) desenvolve o seu trabalho a respeito da *autoarqueologização* do momento presente, segundo o qual cada detalhe da vida é posto numa espécie de altar ou museu, como se fosse de importância coletiva e o qual ela relaciona com a *guinada subjetiva*¹⁴:

As últimas décadas deram a impressão de que o império do passado se enfraquecia diante do “instante” (os lugares-comuns sobre a pós-modernidade, com suas operações de “apagamento”, repicam o luto ou celebram a dissolução do passado); no entanto, também foram as décadas da museificação, da *heritage*, do passado-espetáculo, das aldeias Potemkin e dos *theme-parks* históricos; daquilo que Ralph Samuel chamou de “mania preservacionista”, do surpreendente renascer do romance histórico, dos *best-sellers* e filmes que visitam desde Tróia até o século XIX, das histórias da vida privada, por vezes indiferenciáveis do costumbrismo, da reciclagem de estilos, tudo isso que Nietzsche chamou, irritado, de história dos antiquários. “As sociedades ocidentais estão vivendo uma era de autoarqueologização”, escreveu Charles Maier. (SARLO, 2007, p. 11, grifos da autora).

Nesse viés, portanto, colocando-se contra a visão evolucionista da Literatura, o recorte de Molloy (2003b) – autobiografias hispano-americanas dos séculos XIX e XX – é trabalhado sob a perspectiva da crise ideológica advinda do Iluminismo, que aparece então para a autora como definidora, como precursora da crise de autoridade, ou de um sujeito em crise, que, num contexto de independência colonial, já não sabe para quem escreve *eu*. Trata-se, portanto, de um debate que se estabelece sobre identidades e culturas nacionais, sobre instituição, em virtude de uma mudança da ordem, de modo que, se antes, o *eu* escrevia para um *Outro* institucional (Coroa, Igreja etc.), a partir do Iluminismo, não há mais quem valide esse escrito autobiográfico. Como consequência, estabelece-se uma hesitação que marcará a autobiografia hispano-americana sobre a qual Molloy se coloca a pesquisar: “A hesitação entre pessoa pública e pessoa privada, entre honra e vaidade, entre sujeito e pátria, entre evocação lírica e anotação factual do passado [...]” (MOLLOY, 2003b, p. 17). Interessa-lhe,

¹³ Sobre *autoficção*, ver KLINGER (2006).

¹⁴ A respeito da *guinada subjetiva*, ver SARLO (2007).

enfim, enxergar as conexões, vistas como contaminação e não como essência, estabelecidas por essa crise, entre autofiguração, identidade nacional e autoconsciência cultural.

Assim, para Molloy, “[...] a autobiografia não depende de acontecimentos, mas da articulação destes eventos armazenados na memória e reproduzidos através da rememoração e verbalização” (2003b, p. 19). A história de uma vida, pois, se tece por intermédio da memória, da re-construção das ruínas da memória e, nesse sentido, se revela como um exercício de ficção. É o que a autora revela ter realizado ao escrever *Varía Imaginación* (2003c) e que se repetirá em *Desarticulaciones* (2010), como veremos mais adiante: “Apesar de sua origem, em alguns casos, autobiográfica, e apesar do uso da primeira pessoa, [os relatos breves que compõem *Varía Imaginación*] são textos nem mais nem menos ficcionais do que outros. A escrita autobiográfica, por sua vez, é sempre um exercício de ficção” (MOLLOY, 2003a, s/p, tradução nossa)¹⁵.

É desse modo que, portanto, passaremos também à ficção de Sylvia Molloy, em *Desarticulaciones* (2010) – adaptado pelo Teatro brasileiro, sob direção de Izabel Teixeira (2013) –, entendendo que neste romance a autora põe em prática a escrita defendida em seu ensaio, uma escrita de si que privilegia a contaminação entre o factual e o ficcional, e, de forma crítica, trabalha as relações da autobiografia com a memória, a identidade e os deslocamentos geográficos e linguísticos. A partir de relatos breves e estilizados sobre o relacionamento da própria Molloy com uma amiga com Mal de Alzheimer, *Desarticulaciones* (2010) abre várias reflexões, como a impossibilidade de se dizer “eu”, se não me lembro de quem sou, ou seja, qual o lugar de enunciação quando a memória se perdeu?¹⁶

Vale o escrito: um ato de leitura

Silviano Santiago, no prefácio de *Vale o escrito* (2003b), por vezes se utiliza de uma espécie de mantra a fim de qualificar essa obra da escritora argentina: “[...] um elogio ao livro, à literatura e à leitura”. *Vale o escrito* é tomado pelo crítico brasileiro como sendo um suplemento à teoria eurocêntrica, no sentido de operar dentro dos requisitos acadêmicos com um tipo de abordagem crítica e teórica que não se submete aos modelos europeus senão como saque, como apropriação desse arquivo em nome do diferente. Para Santiago, ao privilegiar

¹⁵ No original: “[...] pese a su origen, en algunos casos autobiográficos, pese al uso de la primera persona, son textos, ni más ni menos ficticios que otros. La escritura autobiográfica, por otra parte, es siempre un ejercicio de ficción” (MOLLOY, 2003a, s/p).

¹⁶ No capítulo *Identikit*, a autora escreve: “¿Cómo dice yo el que no recuerda, cuál es el lugar de su enunciación cuando se ha destejido la memoria?” (MOLLOY, 2010, p. 19).

autobiografias hispano-americanas dos séculos XIX e XX, e ao excluir os testemunhos, Molloy está operando nos “extravios de rota”, evocando das margens uma ética da autobiografia.

A partir disso, Santiago desenvolve a questão – para ele fundamental – da irreverência, a fim de compreender as abordagens trabalhadas por Molloy, não no sentido de um humor sem importância, da gargalhada, mas via pastiche, trabalho de falsificação, apócrifo, tradução de textos etc. A palavra “irreverência” aparece, portanto, como contradição, paradoxo. É a partir dessa irreverência, portanto, autoral, que será possível desconstruir¹⁷ – no sentido não de destruição, mas de desmontagem, decomposição da escrita – os pilares de uma historiografia nacional tradicional, *i.e.*, pautadas no ufanismo, no monolinguismo e no falocentrismo, irreverência essa que Molloy (2003b) privilegiará em sua pesquisa e que poderemos ver refletidas em sua produção criativa, como no romance *Desarticulaciones* (2010), de que trataremos adiante – assim como o fará o próprio crítico e escritor brasileiro, em grande parte de sua obra e sobre a qual, ainda que sucintamente, abordaremos também adiante.

Assim, num exercício, por Santiago nomeado de *contra-sedimentação*, Molloy elege textos capazes de conscientemente “verter o eu em uma construção retórica” (SANTIAGO, 2003b, p. 9), como o da cubana Mercedes Merlin, falando da dimensão da infância, em *Mis doce primeiros años* (1838), triplamente marginal, porque era mulher, estava exilada (França) e escreveu numa língua que não era a sua (francês). Desse modo, o mérito de Molloy, segundo Santiago, está em perceber e evidenciar essas experiências vividas e transladadas ao papel, de tal modo ausentes e emudecidas pelo cânone europeu, articulando, dessa forma, “literatura à ética pelos elementos auto-reflexivos que fazem a graça e a perdição do texto autobiográfico” (SANTIAGO, 2003b, p. 11), porque, afinal, “a morte (a escrita) estampa e revela a vida (experiência)” (SANTIAGO, 2003b, p. 10).

Importante contextualizar que também o autor Silviano Santiago tem uma produção voltada a esses questionamentos operados por Sylvia Molloy, tanto em sua escritura ficcional como crítica, privilegiando discussões não somente em torno do autobiográfico, a exemplo de *Em Liberdade* (1981)¹⁸, *O Falso Mentiroso. Memórias.* (2004)¹⁹, *Histórias Mal*

¹⁷*Desconstruir* no sentido de *desconstrução derridiana*: é utilizado pelo crítico brasileiro, no prefácio de Molloy (2003, p. 9). Sobre *desconstrução*, ver *Gramatologia* ([1967] 1973) e *Da escritura e da diferença* ([1967]2009), ambos de Jacques Derrida.

¹⁸Em suma, trata-se de uma narrativa de memórias fictícias, por vezes tomada como *autoficção* ou mesmo por *alterbiografia*, porque Silviano Santiago conta as memórias de Graciliano Ramos, quando este saiu do cárcere, como se fosse ele próprio o Graciliano.

contadas (2005)²⁰ etc., como em torno da passagem das fronteiras historicamente estabelecidas entre nós, inclusive rompendo a barreira da língua, proporcionando uma maior integração entre os países. Santiago ([1978]2000, 2006, 2008) põe sempre em discussão a maneira como se operam as identidades, colocando-as como divisores de águas. É o caso de “O entre-lugar do discurso latino-americano” ([1978]2000) que se torna central para o debate em torno de conceitos como cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, centro e periferia etc., também trabalhados por Molloy, em toda a sua obra, que permeiam o debate em torno da escrita de si.

Não à toa, portanto, o prefácio de Santiago chamar-se-á “Das margens sobre a margem”, pois o autor coloca o discurso autobiográfico, acima de tudo, como força motora de criação:

Inserir alguma coisa (o discurso autobiográfico) noutra diferente (o discurso ficcional) significa relativizar o poder e os limites de ambas, e significa também admitir outras perspectivas de trabalho para o escritor e oferecer-lhe outras facetas de percepção do objeto literário, que se tornou diferenciado e híbrido. Não contam mais as respectivas purezas centralizadoras da autobiografia e da ficção; são os processos de hibridização do autobiográfico pelo ficcional, e vice-versa, que contam. Ou melhor, são as *margens* em constante contaminação que se adiantam como lugar de trabalho do escritor e de resolução dos problemas da escrita criativa. (SANTIAGO, 2008, p. 174, grifos meus).

É por esse caminho que, no prefácio, o autor põe em destaque criticamente a concepção de tradição afortunada, *i.e.*, a tentativa de se criar um antídoto contra o estereótipo e os valores da margem, através da intervenção suplementar de uma leitura monumentalizante, heroicizante, baseada nas figuras modelares europeias e na sua cópia, mormente feitas pelo Brasil e pelos países latino-americanos no século XIX. Para ele, a importância da pesquisa de Molloy (2003b) está em, portanto, escolher deliberadamente autores que trazem a concepção de uma viagem transnacional, sem fronteiras, nas diversas línguas em que esses relatos são escritos, sem exclusão em função do aspecto da identidade nacional, das fronteiras estabelecidas pela ideia de uma formação canônica de Literatura,

¹⁹Muitas vezes, tomado como texto autobiográfico, dadas algumas semelhanças entre o narrador Samuel e o autor Silviano Santiago, o livro, publicado pela Editora Rocco, é provocativo desde o título. A narrativa se apresenta como um jogo de máscaras, a partir da questão verdade *versus* mentira, conduzido pelo narrador Samuel. Eis a elucidativa contracapa quanto ao teor da narrativa: “[...] paradoxo atribuído a Euclides de Mileto (século IV a.C.), cuja forma mais simples é: se alguém afirma ‘eu minto’, e o que diz é verdade, a afirmação é falsa; e se o que diz é falso, a afirmação é verdadeira e, por isso, novamente falsa. (Enciclopédia Mirador)”.

²⁰Lançado novamente pela editora Rocco, *Histórias mal contadas* é formado por doze contos que exploram o caos que envolve a tentativa de se contar uma história, *i.e.*, falam acerca da impossibilidade de se narrar, diante da criação. À semelhança de “O falso mentiroso”, nos deparamos como a ficcionalização da experiência, própria ou alheia, da memória, porque, para o narrador dessas histórias, é o labor literário que mais aproxima o relato de vida daquilo que tomamos como verdade.

como acontece, por exemplo, no Brasil, por meio de críticos como Joaquim Nabuco (1900), Caio Prado Jr (1942), Antonio Candido (1959) e Afrânio Coutinho (1959).

Assim, pensando a respeito da superação do paradigma de “formação”, que pautou a reflexão do século XX, Santiago, nos estudos supracitados, e também Molloy, em *Vale o escrito* (2003b), lançam a proposta de desenvolver um novo paradigma, o da inserção, através da evocação da leitura. Ao retomarmos o mantra de Santiago, “um elogio ao livro, à literatura e à leitura”, o modo de leitura surge como elemento fundamental, não só no sentido de operar uma leitura diferente ao privilegiar certos textos, questionando, pois, a dependência cultural, mas da própria construção do discurso autobiográfico, enquanto construção do leitor, porque também o próprio autor faz o exercício de lê suas memórias, suas ruínas, seus pedaços permeados de deslocamentos, num movimento em que passa de sujeito a objeto.

Desarticulações da memória

Tratando-se ao mesmo tempo de uma escrita que rememora uma experiência de vida, *Desarticulaciones* (2010) aborda a falta de memória em decorrência de uma doença, o Mal de Alzheimer, acometido pela amiga da autora, ML. Desse modo, o romance é especialmente engenhoso, porque, como escrita de si, a linguagem se extrai da vida e morte, do humano e não humano, se extrai do resgate da memória.

Mas, que espécie de memória?

Já na abertura de *Desarticulaciones*, a autora reflete sobre o exercício de escrever sobre a experiência desarticuladora por que passa sua amiga, por causa da enfermidade, e ela, em virtude da dor e do luto próximos:

Tengo que escribir estos textos mientras ella está viva mientras no haya muerte o clausura, para tratar de entender este estar/no estar de una persona que se desarticula ante mis ojos. Tengo que hacerlo así para seguir adelante, para hacer durar una relación que continúa pese a la ruina, que subsiste aunque apenas queden palabras. (MOLLOY, 2010, p. 9).

Mais adiante, no capítulo “*Libertad Narrativa*”, podemos então entrelaçar a questão da memória com a própria concepção de escrita autobiográfica de que Molloy se apropria, funcionando como chave textual de sua compreensão acerca da escrita de si e defendida em *Vale o escrito* (2003b):

No quedan testigos de una parte de mi vida, la que su memoria se ha llevado consigo. Esa pérdida que podría angustiarme curiosamente me libera: no hay nadie que me corrija se me decido a inventar. En su presencia le cuento alguna anécdota mía a L., que poco sabe de su pasado y nada del mío, y para mejorar el relato

invento algún detalle, varios detalles. L. se ríe y ella también festeja, ninguna de las dos duda de la veracidad de lo que digo, aun cuando no ha ocurrido.

Acaso esté inventando esto que escribo. Nadie, después de todo, me podría contradecir. (MOLLOY, 2010, p. 22).

Porém, para além da alegria e da dor, num movimento de “duplo sim à vida” – qual Silviano Santiago (2014), via Mário de Andrade (1926)²¹ –, utilizando-se de irreverência, o romance evidencia o caráter ficcional da autobiografia. A memória confrontada, porque são várias – a resgatada pela autora; a perdida pelo Alzheimer; a inventada/reelaborada por Molloy, como vista em “*Libertad Narrativa*”, por exemplo – revela a expressividade do silêncio e do fragmentário e transpõe as margens do empírico e do imaginário, pontos privilegiados pela autora em seu ensaio *Vale o escrito*, acerca da autobiografia como construção narrativa, como trabalho linguístico de retórica, de re-presentação do eu, e coloca em xeque as ideias de autobiografia como “o mais referencial dos gêneros” e de memória como “mecanismo de reprodução confiável” (MOLLOY, 2003b, p. 22):

A vida é sempre, necessariamente, uma história; história que contamos a nós mesmos como sujeitos, através da rememoração; ouvimos sua narração ou a lemos quando a vida não é nossa. Portanto, dizer que a autobiografia é o mais referencial dos gêneros – entendendo por referência o remeter ingênuo a uma “realidade” e a fatos concretos, verificáveis – é, em certo sentido, pôr a questão de maneira falsa. [...] A linguagem é a única maneira de que disponho para “ver” minha existência. Em certo sentido, já fui “contado” – contado pela mesma história que estou narrando. (MOLLOY, 2003b, p. 19).

Nisso, mais uma vez, as ideias de Molloy se entrelaçam as de Silviano Santiago, que privilegia a contaminação do empírico e da ficção como prática textual, colocando novamente a importância da leitura como chave da escrita de si, pois, segundo ele afirma: “A boa literatura é uma verdade bem contada... pelo leitor... que delega a si – pelo ato de leitura – a incumbência de decifrar uma história mal contada pelo narrador.” (SANTIAGO, 2008, p. 177).

A abordagem do estrangeirismo e das barreiras territoriais e identitárias, uma das pautas de Molloy – e de Santiago –, é outro traço que, trabalhado no ensaio *Vale o escrito* (2003), reaparece em *Desarticulaciones* (2010), pois que as personagens principais são argentinas e vivem em Nova York. De que modo, portanto, entrecruzam-se a memória e a experiência da viagem, do estar fora da cidade natal, e como relacionam-se as línguas

²¹Em entrevista a Schneider Carpeggiani, em virtude do lançamento de *Mil Rosas Roubadas*, Silviano Santiago fala sobre a escrita autobiográfica. A respeito da epígrafe que remete a questões como culpa, mágoa, dor e amor, que envolvem os relatos de uma vida, Santiago diz que, diferente da vida que aparece na forma de alegria ou de dor, seus personagens dizem um duplo sim à vida, como no verso do poema “Losango Cáqui” (1926), de Mário de Andrade, “A própria dor é uma felicidade” e, é nesse sentido que podemos aproximar o romance de Sylvia Molloy, *Desarticulaciones*, do pensamento do crítico brasileiro.

estrangeira e materna nesse romance? Responde Molloy (2013): “Vivo fora da Argentina há muito tempo e isso te dá um sentimento de deriva, uma errância e para isto creio que a memória seja muito importante. Para mim, havia uma coisa muito importante nas visitas a essa amiga porque com ela podia falar como argentina”.

No romance, são vários os deslocamentos que aparecem, inclusive na sua relação com a língua, tanto falada como escrita. No capítulo “*Retórica*”, Molloy explora a ideia curiosa que permeia o Mal de Alzheimer no sentido de que, apesar da falta de memória, o doente não se esquece da estrutura da língua, de tal modo que se poderia dizer que está mais presente do que nunca, ao lado de uma delicadeza das palavras tão esquisita, como se ambas pudessem suprimir a falta de razão, o anoitecer da mente de ML. Eis que, em seguida, a ironia advinda da questão do esquecimento, dos deslocamentos e da língua estrangeira surge:

Hace dos días, antes de la crisis, le pregunté como se sentía y me dijo “Bien porque te veo”. A la enfermera hoy le dijo “Estás muy linda, te veo muy bien de cara”, a pesar de que era la primera vez que la veía y que la enfermera no hablaba español. Traduje, y la enfermera la amó en el acto. También la amó en el acto, recuerdo, una mesera negra dominicana que nos atendió un día en un café [...]. La mujer nos oyó hablar español y cuando le dijimos de dónde éramos no podía creerlo, dijo que no nos imaginaba latinoamericanas porque éramos de “raza fina”. Como un rayo ella respondió “raza fina tiene la gente buena”. (MOLLOY, 2010, p. 13).

No capítulo “*Traducción*”, Molloy, aproximando-se do conceito de retórica, explora a questão da tradução, esse exercício também curioso e irônico quando pensado sob a perspectiva de uma pessoa que padece do Mal de Alzheimer. No caso de sua amiga ML., incapaz de se lembrar que passou por um episódio de tontura, é paradoxalmente capaz de se lembrar de um idioma (inglês) que não é o de sua origem (espanhol):

Como la retórica, la facultad de traducir no se pierde, por lo menos hasta el final. Lo comprobé una vez más hoy, al hablar con L. Le pregunté si el médico estaba al tanto de que ML. había sufrido un mareo y me dijo que sí. Por curiosidad le pregunté cómo le había transmitido la información, ya que L. no habla inglés. Me lo tradujo ML., me dijo. Es decir, ML. es incapaz de decir que ella misma ha sufrido un mareo, o sea, es incapaz de recordar que sufrió un mareo, pero es capaz de traducir al inglés el mensaje en que L. dice que ella, ML., ha sufrido un mareo. Es como lograr una momentánea identidad, una momentánea existencia, en es discurso transmitido eficazmente. Por un instante, en esa traducción, ML. es. (MOLLOY, 2010, p. 18).

Há outras passagens que nos dão *flashes* de lugares e línguas transitados pelas personagens. Em “*Cuestionario*”, as perguntas feitas a outra paciente “*desmemoriada*” são relativas aos Estados Unidos; em “*Rememoración*”, a autora indigna-se com a sua própria atitude de insistir em perguntar a ML. se ela lembra-se de algum fato do passado, mesmo sabendo da negativa dessa resposta, e, ao buscar por rememoração, nos oferece lembranças de

Buenos Aires, essa mesma que aparece em “*Que no lee y escribe*”, por meio do “*regalito de la patria*” (MOLLOY, 2010, p. 63) que Molloy leva para a amiga doente: uma caixa de *alfajores*. Em “*Fractura*”, nos deparamos com Molloy relembrando-se de estadias em Paris etc.

Assim, também os espaços aparecem como pedaços, fragmentos de uma experiência e de uma memória, mostrando o indivíduo em sua mobilidade, um indivíduo cuja identidade é-nos apresentada pela mescla de fronteiras transpostas, tanto geográficas como linguísticas. Dito de outra forma, também a memória é deslocamento e o sujeito, um trânsito. Acerca desse trânsito, Bruno Massare, em entrevista²² a Molloy, pergunta: “¿Cómo cambia la forma de escribir en la lengua original a partir de la vida cotidiana en otro idioma?”. A autora explica:

Cuando empecé a escribir crítica en inglés, hace unos 20 años, las estructuras me salían primero en francés y luego las traducía. Siento que subyace algo de estructuras mezcladas en mí. Hay mucho interés ahora en la literatura que se escribe en un idioma que no es el original del escritor. Algunos inmigrantes latinos que viven acá terminan escribiendo en inglés, y esa literatura es por sobre todo norteamericana, pero a la vez tiene un sustrato latinoamericano que la hace diferente. Por más que uno sólo puede escribir en un idioma, está pensando en más de uno, y eso a veces genera algo diferente en la escritura, el resultado final es algo donde todo está mezclado. (MASSARE, 2003a, s/p).

É desse modo que, a partir da consciência e experiência do fugidio, do fragmentário, das várias vozes que atravessam e transpõem fronteiras geográficas e linguísticas, *Desarticulaciones* (2010) se apresenta como “desvio de rota”, no sentido apresentado por Silviano Santiago no prefácio de *Vale o escrito* (2003b) e defendido pela própria autora: escrito por uma mulher latino-americana vivendo em outro país, em contato com outras línguas; não há intenções confortantes ou exemplares, mas ironia e mesmo alegria na dor; e a memória como detentora de uma verdade inquestionável que dá bases sólidas ao escrito autobiográfico se desfaz, pela própria experiência do Mal de Alzheimer. O romance de Molloy (2010) constitui-se, portanto, como um texto híbrido, cujas margens autobiográficas e ficcionais se contaminam, revelando-se, sobretudo, como um lugar de trabalho crítico e reflexivo de Molloy acerca tanto da escrita criativa, como mais especificamente, da escrita de si.

²²A entrevista é realizada em decorrência do lançamento de *Varia Imaginación* (2003c) pela editora Beatriz Viterbo.

Considerações finais

[...] a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência.
Beatriz Sarlo

A partir da citação de Beatriz Sarlo (2007), chamamos a atenção para uma escrita de si como uma re-presentação, um tornar a contar e, de certa forma, um tornar à vida, porque é o relato, por meio da linguagem, que redime a experiência, que a liberta do esquecimento. Sylvia Molloy (2003b, 2010) assim o faz, com engenho e arte: i. ao construir, a partir da concepção de Paul De Man (2012), um panorama da escrita autobiográfica hispano-americana dos séculos XX, dando voz aos mortos, aos ausentes, aos marginais, ruindo, pois, a memória oferecida pela visão eurocêntrica da autobiografia; e ii. ao colocar em tensão a escrita autobiográfica, referencial, e a ficção, construção, via ruínas da memória, contaminação de línguas e territórios, via irreverência. Em ambos os textos, o ensaio *Vale o Escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica* e o romance *Desarticulaciones*, portanto, a memória está em ruínas e a escrita de si se mostra como ato de leitura.

Valemo-nos do escrito, portanto, e do prefácio de Silviano Santiago para qualificar também *Desarticulaciones* (2010) como “um elogio ao livro, à literatura e à leitura”, porque, como “desvio de rota”, por meio de estilhaços, trânsitos e restos (especialmente, partindo da desarticulação da memória), trabalha com uma escrita de si irreverente, crítica, que abre as possibilidades de leitura da vida e, portanto, de uma escrita autobiográfica suplementar ao cânone europeu, porque, enfim, “estampa e revela a vida”.

Referências

ANDRADE, Mário. Losango Cáqui. In: _____. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. I.

DE MAN, Paul. A autobiografia como des-figuração. Trad. de Jorge Wolff. **Sopro**, 71, Florianópolis, maio 2012.

DERRIDA, Jacques. (1967). **A escritura e a diferença**. Trad. de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. (1967). **Gramatologia**. Trad. de Miriam Schniderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=198038>. Acesso em: dez. 2014.

MOLLOY, Sylvia. **Desarticulaciones**. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2010.

_____. **El común olvido**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006.

Página | 74

_____. Memoria de una juventude en Olivos [2003a]. Entrevistador: Bruno Massare. Buenos Aires: **Clarín.com**, 26 jul. 2003a. Disponível em: <http://edant.clarin.com/suplementos/cultura/2003/07/26/u-00601.htm>>. Acesso em: fev. 2015.

_____. [2013]. Recordações Literárias de Sylvia Molloy. Entrevistador: Helder Ferreira. *Revista Cult*, São Paulo, 5 ago. 2013. Seção Espaço Cult. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/08/desarticulacoes-de-sylvia-molloy/>>. Acesso em: fev. 2015.

_____. **Vale o escrito**: a escrita autobiográfica na América Hispânica. Trad. de Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003b.

_____. **Varia Imaginación**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2003c.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1789). **As Confissões**. São Paulo: Atena, 1959. 2v.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano. Das margens sobre as margens. In: MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito**: a escrita autobiográfica na América Hispânica. Trad. de Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.

_____. **O falso mentiroso**. Memórias. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. **Histórias mal contadas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. **Literatura para mim é ruptura** [2014]. Entrevistador: Schneider Carpeggiani. *Revista Continente*, Pernambuco, edição 164, 7 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.revistacontinente.com.br/index.php/component/content/article/477-entrevista/9024-literatura-para-mim-e-ruptura.html>>. Acesso em: jan. 2015.

_____. (1978). **Uma Literatura nos Trópicos**. Ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Meditação sobre o ofício de criar. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 18, jul./dez. 2008.

LA ESCRITURA DE SÍ EN SYLVIA MOLLOY: UN ACTO DE LA LECTURA O LA MEMORIA EN RUINAS

Resumen

En este artículo, la escritura de sí se mostrará como un acto de la lectura, a partir de dos textos de la escritora argentina Sylvia Molloy: *Valle de la prueba escrita: la escritura autobiográfica en Hispanoamérica* y la novela *Desarticulaciones*. En tanto, la memoria está en ruinas. En el primero, se basa, desde el diseño de Paul de Man, un panorama de la escritura autobiográfica América española de los siglos XIX y XX, que da voz a los muertos, los desaparecidos y el marginal, el colapso de la memoria que ofrece la visión eurocéntrica de la escritura autobiográfica; en el segundo, a través de la enfermedad de Alzheimer, se analiza la cuestión de la memoria en la escritura autobiográfica, que muestra los límites de la lectura de una vida al escribir objeto (la memoria) está en ruinas. Operativo, con el fin de “desviación”, dijo Silviano Santiago, a través de metralla, tránsitos y restos, el autor trabaja con un auto escritura irreverente, crítico, que abre las posibilidades de vida de la lectura y, por tanto, una adicional autobiográfica del canon europeo, porque, después de todo, por escrito “de impresión y revela la vida.”.

Palabras clave

Sylvia Molloy. Escritura de sí. Acto de la lectura.